

Sensibilidade e razão

João Nogueira Pereira*

O tema ‘sensibilidade e razão’ está presente em toda a história do pensamento. Mas, nestas páginas, vamos abordá-lo tendo como ponto de referência um pensador contemporâneo, um dos maiores filósofos da Espanha.¹

Dentre as várias obras filosóficas de Xavier Zubiri, podemos destacar, para a nossa temática, a sua obra prima, ou seja, a trilogia sobre a inteligência que é considerada como uma chave de leitura para todos os seus escritos anteriores. (ZUBIRI, 1997, p.10). A maneira como o autor repensa a questão da corporeidade humana nos convida a pensar, dentro de novos parâmetros, a relação entre sentidos e inteligência, o que ele denominará ‘inteligência sentente’. Tal concepção é, seguramente, a maneira mais intensa de valorizar a função do corpo na estrutura humana.

Na história da filosofia, o estudo do conhecimento humano assumiu diversas modalidades tendo como as duas fundamentais e contrastantes posições o Realismo e o Idealismo.² Como são diversas as posições, Xavier Zubiri, dentro do seu realismo, tem a sua posição que, a meu ver, é original e genuinamente filosófica. Procurando ser fiel ao seu pensamento, podemos dividir a nossa temática em três tópicos: o sentir; o

* Doutor em Antropologia Filosófica pela Universidade Angelicum de Roma. Professor de Filosofia da PUCMINAS. E-mail: joaopereira@pucminas.br

¹ José Francisco Xavier Zubiri Apalategui (1898-1983), nasceu em San Sebastián (Espanha). Depois de estudar em Madrid com Ortega y Gasset e com Juan Zaragueta, segue para Lovaina para se licenciar em Filosofia. Logo depois se doutorou em teologia, em Roma e em 1921, sob a orientação de Ortega y Gasset defende a sua Tese doutoral em Filosofia. Em 1926, ocupa a cátedra de História da Filosofia da Universidade Central de Madrid, hoje chamada Complutense. De 1928 a 1931 está em viagens de estudo em várias universidades européias, freqüentando cursos de Husserl, Heidegger, Einstein e de muitas outras disciplinas filosóficas e científicas. A partir de 1945 até o final de sua vida, ele ministra cursos privados de filosofia. Em 1947, foi constituída a *Sociedad de estudios y Publicaciones*, dando-lhe apoio, inclusive financeiro, para continuar a sua atividade intelectual. Em 1989, foi constituída, em Madrid, a *Fundación Xavier Zubiri*, dedicada ao estudo do seu pensamento. Principais obras: *Naturaleza, Historia, Dios* (1944); *Sobre la esencia* (1962); *Inteligencia Sentiente*, em três volumes: *Inteligencia y realidad* (1980), *Inteligencia y Logos* (1982) e *Inteligencia y Razón* (1983).

² Podemos citar outras como o intelectualismo, apriorismo, criticismo, etc.

‘inteligir’³ e a inteligência sentente. Quanto ao primeiro, temos que distinguir o sentir animal, isto é, o puro sentir, e o sentir humano que é essencialmente diverso e tem, assim, uma importância especial. O sentir humano é apreender o real em impressão de realidade e faz parte essencial do processo do conhecimento, sendo uma potência de uma única faculdade cognoscitiva: a inteligência sentente. Quanto ao ‘inteligir’, também se deve considerar uma única faculdade cognoscitiva humana. Não se faz aqui uma distinção real entre sentir e ‘inteligir’. Faz, sim, uma distinção formal. ‘Inteligir’ é a capacidade de ‘chegar’ ao real, de colhê-lo. Este atingir ou alcançar o real não é possível só com os sentidos e, portanto, é característico do conhecimento próprio do ser humano. A realidade é o objeto formal do ‘inteligir’. Não existe uma faculdade para sentir e outra para ‘inteligir’, mas uma única faculdade de conhecimento. Existe uma unidade estrutural e esta unidade é expressa, originalmente, como inteligência sentente.

O ser humano não é um composto de alma e corpo ou de matéria e espírito. A essência da substantividade humana consiste em uma ‘corporeidade anímica’. Entre alma e organismo não existe relação de ato e potência, mas uma relação de co-determinação mútua em unidade coerencial primária, isto é, existe uma unidade de estrutura, não unidade de substância (ZUBIRI, 1985a, p.96).

1. O SENTIR NA INTELECÇÃO

Os sentidos têm uma importância muito mais profunda do que de uma simples sensação. No livro *Sobre la esencia*, é possível detectar uma concepção da unicidade da ação dos sentidos e da inteligência. “A sensibilidade é, com certeza, somente ‘sensibilidade-de’ o racional, e este, por sua vez, é, somente ‘racionalidade-de’ a sensibilidade” (ZUBIRI, 1985b, p.292). Os sentidos e a inteligência formam a inteligência sentente.

³ O termo ‘inteligir’, expressa a ação específica da intelecção humana (do latim *intelleger*). O verbo continuará sendo utilizado como no original em espanhol por não encontrar na língua portuguesa um verbo que possa traduzir plenamente o ‘inteligir’ de Zubiri. Trata-se de um neologismo que seria mais bem traduzido em português por entender, conceber, compreender e não tanto por conhecer.

Quanto aos sentidos especificamente, podemos encontrar uma teoria muito interessante nas obras do filósofo espanhol. O sentidos, conforme tal teoria, são onze.⁴ Cada um destes sentidos possui um corresponde sentente que são “distintos modos de intelecção e de inteligibilidade” (ZUBIRI,1991, p.105). Essa análise de Zubiri é tema de dois importantes comentários: um de Diego Gracia (1986, p.135-137) e outro de Laín Entralgo (1987, p.134-135). Seguirei a ambos, mas, mais de perto, a maneira de compreender Zubiri própria de Laín Entralgo.

Eis os onze sentidos e os seus correlativos: 1. Visão: a vista me faz sentir a realidade pondo diante de mim – seu *eîdos*, a intuição, como disseram os gregos – e exercita, em consequência, o modo de intelecção da ‘vidência’ ou evidência. Aí está o caráter visual da linguagem filosófica. 2. Audição: o ouvido me remete à realidade da coisa sonora, me dá notícia dela e, assim, o modo de intelecção da auscultação. Isso quer dizer a escuta da realidade. ‘Inteligir’ é auscultar. 3. Olfato: o olfato oferece a realidade apreendida como rastro. A realidade no olfato se faz presente através do odor como *rastro*. 4. Gosto: o gosto faz viver o real como possuído ou degustado. Portanto, como gostoso ou desgostoso, a realidade se faz presente como fruição. Não é a fruição consecutiva à intelecção, mas que é o fruir mesmo como modo de intelecção, como modo de apreensão da realidade. Não se deve esquecer de que saber e sabedoria provêm, etimologicamente, de sabor. 5. Tato (contato-pressão): o tato nos oferece a realidade como nua ou mera apresentação, e, em consequência, nos permite entendê-la como *tanteo*. É o palpar a realidade. 6. Sensibilidade labiríntica e vestibular: este sentido apresenta a realidade como algo que tem posição, que está centrado. Através dele a intelecção é uma orientação na realidade. 7. Calor e 8. Frio: as sensações de calor e de frio levam consigo a apresentação da realidade como temperante. A estas sensações corresponde uma intelecção de ‘*atemperamiento*’. A realidade é ‘inteligida’, através das sensações de calor e de frio, ‘atemperadamente’. 9. Dor e o Prazer: este sentido nos faz ‘inteligir’ a realidade como ‘afetante’, isto é, como algo que afeta vivamente. É um sentimento cuja versão intelectual é o ‘afecionamento’. 10. Kinestesia ou Cinestesia (sentido muscular, tendioso e articular): através dele a realidade é apresentada como algo “até”, algo que leva uma direção, uma apresentação direcional e nos faz ‘inteligir’ como tensão dinâmica. Não é uma tensão até a realidade, mas a realidade mesma como um “até” que nos tem tensos. 11. Cenestesia ou sensibilidade visceral – o sentir como

⁴ Para Aristóteles são apenas cinco: Cf. Aristóteles. **de Anima**, III, 424 b; Tomás de Aquino acrescenta os sentidos internos: estimativa, memória, imaginação e senso comum.

bem-estar ou mal-estar no interior do nosso corpo: este sentido me faz ‘inteligir’ a realidade como “minha”, como íntima, e portanto, ‘inteligí-la’ como intimação. Não se trata de uma intimação consecutiva à apreensão da realidade, mas que a intimação mesma é o modo de apreender realidade. A cenestesia me faz consciente da existência do meu corpo. É a experiência primária que converte o homem em sujeito-objeto de si mesmo

Conclui Diego Gracia, após a sua exposição dos correspondentes intelectivos aos onze sentidos, que “tal é a riqueza da impressão da realidade, e, portanto, da inteligência sentente” (GUILLÉN,1986, p.137). Por sua vez, conclui Laín Entralgo dizendo que “da radical e prévia unidade de todos os sentidos depende a impressão de realidade que o sentir – sentir o mundo através do meu corpo, sentir-me a mim mesmo em meu próprio corpo – leva essencialmente consigo” (GUILLÉN, 1986, p.137). E, acrescenta: “não da síntese de todos os sentidos em um hipotético ‘sentido comum’, como pensaram os medievais. Ao contrário, com sua diversidade, os sentidos são analisadores da primária impressão de realidade que no homem produz sua relação com o mundo e consigo mesmo” (ENTRALGO, 1987, p.135).

Pensando bem, temos aqui uma reviravolta na Filosofia. Assim, os sentidos, e conseqüentemente o corpo, têm um papel essencial no ato humano de conhecer. Os sentidos nos dão os distintos e complexos modos de ‘inteligir’. Esta maneira de pensar não significa somente que a inteligência humana seja constitutiva e formalmente sentente em si mesma enquanto inteligência e que o sentido humano seja constitutivo e estruturalmente intelectual enquanto sentir, mas que os órgãos dos sentidos sentem com um sentir em que o apreendido é apreendido como real. A participação do corpo através dos sentidos é destacada de uma maneira singular e original na sua teoria da realidade (ZUBIRI, 1991, p.100-101).⁵

⁵ Sobre o tema, veja também, ELLACURÍA, Ignacio. **Siete ensayos de antropología filosófica**, 1982, p.203.

2. O 'INTELIGIR'⁶

Em conformidade ao pensamento do autor, devemos dizer que a distinção entre o sentir e o 'inteligir', no homem, é só formal e não real. Mas, a índole unitária do sentir e do 'inteligir' é algo de essencial. Aqui entra também a importância do corpo na questão humana fundamental que é o conhecimento. O ato do conhecimento humano se dá através da inteligência sentente. E inteligência sentente outra coisa não é senão a melhor maneira para expressar a índole unitária entre o sentir humano e o 'inteligir'. Na realidade, não há distinção. Como para todos os atos humanos, também para o conhecimento, entra em cena todo o ser do homem.

O melhor verbo, em português, para traduzir o 'inteligir', é entender. Com um exemplo será possível uma melhor compreensão desse ponto de vista. Quando se escuta um som ou o entende, isto é, não só o ouve, mas escuta, este escutar significa que se sabe como e porque o som é realmente como é. Entender é exatamente isso: ter diante da nossa mente a realidade da coisa sentida. Nesse sentido, 'inteligir' ou entender é algo mais do que um simples sentir. 'Inteligir' é ter a realidade da coisa apreendida diante da nossa inteligência. Assim, podemos dizer que certas pessoas têm uma maior capacidade de conhecimento, isto é, possuem uma maior capacidade de apreender o real e apresentá-lo à inteligência. Todavia, devemos ter um certo cuidado ao fazer esta distinção porque 'inteligir' é sempre o apreender a realidade. Este apreender a realidade, por sua vez, pode ser em maior ou menor intensidade, isto é, o 'inteligir' admite graus. Podemos 'inteligir' pouco ou 'inteligir' melhor, dependendo de uma série de fatores.

O fato do 'inteligir' admitir graus não significa atos diversos. Até mesmo quanto ao sentir, o ato é sempre um só. No homem, sentir e 'inteligir' não são dois atos, cada um completo em sua ordem, mas são dois momentos de um só ato de uma impressão una e única, a impressão de realidade (GUILLÉN, 1986, p.135). E essa mesma idéia de unicidade do ato da inteligência é reafirmada por Zubiri quando ele fala da inteligência sentente como uma só faculdade: "Sentir e 'inteligir', por si só, são meras potências. Existe uma só faculdade: a inteligência sentente" (ZUBIRI, 1992, p.15).

⁶ Vamos utilizar aqui o verbo 'inteligir', como no original, em espanhol. A tradução, para o português, seria entender, conceber etc. 'Inteligir' significará, aqui, sempre o conhecimento intelectual em correlação ao conhecimento sensitivo.

O objeto formal do 'inteligir' será sempre a realidade. Não é supérfluo repetir que o animal não conhece ou não entende no sentido de 'inteligir' porque o animal jamais colhe a realidade, mas fica apenas no âmbito da estimulidade. A realidade não consiste apenas em ser objeto formal do 'inteligir'. A realidade designa também a índole estrutural do ato mesmo do 'inteligir'. "A apreensão da realidade é o ato exclusivo, é o ato elementar, é o ato radical e primário de 'inteligir', isto é, a apreensão de realidade é o que formalmente constitui o próprio do 'inteligir'" (ZUBIRI, 1991, p.78).⁷

Já dissemos que falar somente do 'inteligir' é fazer uma distinção muito sutil porque quando apreendamos sententemente uma coisa real, estamos já intelectualmente instalados na realidade. 'Inteligir' é estar apreensivamente na realidade, na qual as coisas são 'de si'.

3. A INTELIGÊNCIA SENTENTE

3.1 O que não é

Inteligência sentente não é inteligência sensível. Quando se fala de inteligência sentente, não significa que se trata de dois atos concatenados: uma coisa é sentida pelos sentidos e depois 'levada' à inteligência para que esta conheça. Não é assim. Essa concepção só é possível em conformidade à teoria do dualismo entre o sentir e o 'inteligir'. Para Zubiri não há, na ação de conhecer, distinção entre conhecimento sensível e intelectual. A própria concepção de inteligência sentente nos leva a definir a inteligência de modo distinto do habitual.

Conforme Diego Gracia, por inteligência se entende "a capacidade de processar informação, isto é, estímulos objetivos. Neste sentido é óbvio que além da humana existe uma inteligência animal e ainda inteligência artificial" (GUILLÉN, 1986, p.134-135). E, referindo-se à inteligência animal e à artificial, Zubiri afirma que: "tanto em um caso como no outro, o executado, seja pelo animal, seja pelo mecanismo eletrônico, não é inteligência, porque tudo isso concerne tão somente ao conteúdo da impressão, porém não à sua formalidade de realidade" (ZUBIRI,1981,p.85). E conclui

⁷ Sobre o tema veja também GUILLÉN, Diego Gracia. **Voluntad de Verdad**, 1986, pp. 134-135.

dizendo que “são impressões de conteúdo, porém sem formalidade de realidade. Por isso não são inteligências”(ZUBIRI,1981, p.85). A concepção zubiriana de inteligência sentente é aplicável somente ao homem, isto é, trata-se da maneira humana de ‘encontrar-se’ com a realidade.

Ignácio Ellacuría, em um escrito de 1980, publicado em 1982, faz um importante esclarecimento sobre o que não é a inteligência sentente. De fato, afirma que “não se trata de uma psicologia dos atos intelectivos, o que poderia entender-se como uma psicologia da inteligência. [...] Nem tão pouco de uma sociologia do saber, tão em voga em nossos dias” (ELLACURIA, 1982, p.208). Finalmente, continua Ellacuría, não se trata de “uma história do conhecer que abarcasse os outros dois enfoques mostrando psicogenética e sócio-geneticamente como se vão construindo os seres humanos. Tudo isso é importante, diz Zubiri, porém é derivado” (ELLACURIA,1982, p.209). Inteligência sentente é, num certo sentido, tudo isso, mas é muito mais e tem suas características próprias, como veremos a seguir.

3.2 Um ato só

A impressão de realidade, que é própria do homem, é um só e único ato: o ato da impressão primordial da realidade. “Zubiri, como a Escolástica, afirma que o ‘inteligir’ é um ato irreduzível a toda forma de mero sentir” (ARGOTE,1965, p.99) Continua Marquínez Argote a dizer que “enquanto a Escolástica, preocupada a estabelecer categorias, dá a impressão de separar demasiado o plano da inteligência do plano da sensação, Zubiri, pelo contrário, sustenta que, em sua raiz, o ‘inteligir’ é algo ‘intrinsecamente’ um com o sentir” (ARGOTE,1965, p.99-100).

A impressão de realidade acontece no ato do sentir intelectual ou inteligência sentente, isto é, um único ato. Em *Sobre la esencia*, exatamente quando Zubiri fala desta unidade do ‘inteligir’ e do sentir, ele antecipa algo de importante sobre a inteligência sentente: “‘inteligir’ e sentir são essencialmente distintos e irreduzíveis; porém constituem uma unidade metafísica estrutural (...) a inteligência sentente” (ZUBIRI, 1985b, p.414).

3.3 A essência da inteligência sentente

Já vimos o que seja a estrutura da impressão de realidade. Esta só é possível através da inteligência sentente. Agora, torna-se necessário fazer uma referência à estrutura essencial da inteligência sentente.

Historicamente sabemos que em Platão e Aristóteles, especialmente e de maneira mais clara para este último, a inteligência seria como uma ‘mesa lisa’ ou alisada, onde não há ainda nada escrito. Na linguagem Lockiana, *white paper*. As coisas sensíveis seriam como que letras que vão sendo escritas na inteligência, sendo assim o ‘inteligir’. Esta foi a idéia de quase toda a filosofia até Kant. Mas não é correto chamar isso de conhecimento. Quando muito, podemos chamar esta concepção de mecanismo da intelecção e não o ato do ‘inteligir’. Que as coisas atuem na inteligência é inegável. Porém, não no modo como pensavam os gregos e os medievais, mas sim como impressão intelectual.

A concepção kantiana é um pouco diversa. Seria uma concepção de posicionalidade, isto é, uma coisa para ser conhecida intelectualmente necessitaria estar presente ou ser posta à inteligência.

Para Husserl a intelecção seria tão somente um referimento ou algo formalmente intencional.

Nenhuma dessas posições satisfaz a autêntica teoria da inteligência sentente de Xavier Zubiri. Esta é, na sua essência, intelecção sentente que, por sua vez, é apreensão de algo como real. O específico do real conhecido é estar presente na impressão de realidade. O estar presente aqui consiste formalmente em um estar como atualidade na intelecção sentente. A essência formal da intelecção sentente é a atualidade.

3.4 Uma única faculdade

3.4.1 A sua índole unitária

Conforme o pensador espanhol, existem no homem duas potências, uma para sentir e uma outra para o ‘inteligir’. Porém, não são duas faculdades, como se fosse uma faculdade para a sensação e uma segunda faculdade para a intelecção. A inteligência sentente é uma única faculdade de conhecimento. Mesmo que houvesse uma distinção entre as faculdades, “o certo é que a consciência nos assegura que é um mesmo o ser

que pensa, o que sente, o que quer, o que faz e o que padece” (ARGOTE,1965, p.101). O clássico dualismo dos atos de sentir e de ‘inteligir’ deu origem ao dualismo das faculdades (ZUBIRI, 1991, p.89)

Um outro erro que contribuiu para a falsa concepção de duas faculdades foi a identificação dos termos potência e faculdade como se ambos tivessem o mesmo sentido (ZUBIRI, 1991, p.90). A faculdade é uma potência, mas nem toda potência é faculdade. Somente aquelas potências que estão facultadas para produzir seus atos são faculdades.

No caso do conhecimento, as duas potências constituem os dois momentos de uma só faculdade e de um só ato. Como potências, o sentir e o ‘inteligir’ são essencialmente distintos. A inteligência, como potência, é essencialmente irreduzível ao puro sentir. Igualmente, o puro sentir, como potência, jamais pode produzir o ato de impressão de realidade. A unidade das duas potências forma uma faculdade, isto é, a inteligência sentente. A unidade da impressão de realidade é a unidade do ato de uma única faculdade, contrariamente à tese de Kant, segundo a qual as duas potências, isto é, sensação e intelecção, se referiam a um mesmo objeto (ZUBIRI, 1991, p.91). Esta concepção de uma única faculdade é a única concepção científica do fato da impressão de realidade.

3.4.2 A faculdade única como realidade humana

Não é difícil entender que esta faculdade única não está presente em nenhum dos níveis de vida inferiores à vida humana. Já vimos que o sentir, como puro sentir, não é uma faculdade, mas uma potência.

Assim, somente no ser humano é que se encontram as duas potências, ou seja, do sentir e do ‘inteligir’. É no ser humano que está presente a única faculdade-potência. A autonominação biológica dos estímulos, no homem, tem a potência de ‘inteligir’ e esta potência é determinada pela hiper-formalização de suas estruturas sententes. Daí a unidade das duas potências que resulta na faculdade. A unidade estrutural de ‘inteligir’ e de sentir é determinante do hábito de intelecção sentente, cujo ato formal é a impressão de realidade. E, enquanto é determinante de hábito, a estrutura unitária das duas

potências do sentir e do conhecer constitui exatamente a faculdade da inteligência sentente. Zubiri chega a afirmar que o cérebro humano é o órgão sentente.⁸

É importante salientar também que a atividade cerebral entendida no sentido acima, isto é, como uma atividade sentente, modula intrínseca e formalmente a própria intelecção ou a impressão de realidade. Como a impressão de realidade é específica do ser humano, a atividade cerebral que modula a intelecção é fruto da faculdade ou da unidade das duas potências do sentir e do ‘inteligir’.

3.5 A essência da ‘inteligência sentente’

“O neologismo sentente expressa, sem vacilações, nem ambigüidades, o caráter sentente da inteligência” (ELLACURÍA, 1982, p.202). O termo sentente não se refere a sentimento, mas aos sentidos, à sensibilidade.

Assim, inteligência sentente não só une o sentir ao ‘inteligir’, mas também se estende ao Logos e à Razão: “daí que também o *logos* – a capacidade de conceituar, afirmar e julgar – e a razão – a capacidade de pensar e saber – serão formalmente sententes. Ainda que pareça exagerada a afirmação, pode dizer-se que há *logos* e razão pela sensibilidade” (ELLACURÍA, 1982, p.204).

O sentir humano e a intelecção exercem, conjuntamente, um só e idêntico ato em virtude da intrínseca unidade estrutural. Trata-se de uma filosofia que se fundamenta em algo verdadeiramente novo para a terminologia de até então. Aqui se fala de um ‘sentir intelectual’ e de uma ‘intelecção sentente’ (ZUBIRI, 1991, p.82-83). Ambas as fórmulas são idênticas. Não se trata aqui da inteligência como faculdade, mas do ato de ‘inteligir’. Com efeito, afirma que “se, às vezes, falo de inteligência, a expressão não significa uma faculdade, mas o caráter abstrato da intelecção mesma” (ZUBIRI, 1991, p.20). E acrescenta: “Não se trata, pois, de uma metafísica da inteligência, mas da estrutura interna do ato de ‘inteligir’” (ZUBIRI, 1991, p.20).

⁸ Cfr. ZUBIRI, J.F. Xavier. **Inteligência y Realidad**, 1991, p.96-97: "*Trátase, pues, no sólo de habitud sino de estructuras. Por esto es, repito, por lo que la intelección es un acto de aprehensión sentiente de lo real. Es una intelección que en cierto modo (aunque no exclusivamente) podríamos llamar cerebral. El cerebro es el órgano sentiente que por su hiperformalización determina exigítivamente la necesidad de intelección para poder responder adecuadamente. Además, el cerebro tiene una función aún más honda: mantener en vilo la intelección*".

A apreensão do real na impressão de realidade não constitui dois atos distintos numericamente, mas dois momentos de um único ato de apreensão sentente do real. Este único ato de apreensão do real, próprio do ser humano, no momento sensível é impressão, mas enquanto intelectual é apreensão do real. Assim, estamos em presença de um ato único e unitário: a impressão de realidade, na qual a intelecção é um modo de sentir e este, por sua vez, é um modo de intelecção (ZUBIRI, 1991, p.12).

Por sua própria índole, a sensibilidade humana não é puro sentir, mas um sentir cujo caráter humano consiste na intrínseca versão ao estímulo, enquanto realidade. Ora, esta versão à realidade constitui o ato formal ou peculiar da inteligência. Ou ainda, o sentir humano é um sentir já intrinsecamente intelectual e, assim, a inteligência, através da impressão, tem acesso à realidade. Não se pode confundir aqui com a já conhecida afirmação de Aristóteles: “nada chega à inteligência sem antes passar pelos sentidos”⁹. Não é uma afirmação falsa, porém está expressa segundo uma concepção dualística do sentir e do ‘inteligir’. Quando Zubiri diz que a inteligência tem acesso à realidade através da impressão, impressão aqui já é de realidade e não uma impressão do puro sentir para, em um segundo momento, ser intelecção. Segundo a concepção do filósofo espanhol, todo sentir e todo ‘inteligir’ humanos são primariamente e constitutivamente intelecção sentente.

A diferença das conclusões de Zubiri diante da famosa afirmação de Aristóteles traduzida acima: *‘Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu’* está principalmente quanto à partícula *‘prius’*. O momento de realidade, na concepção zubiriana, se dá em um só ato. Não existem dois atos, isto é, um anterior ao outro. O momento do sentir humano é, em um só tempo, o ato formal do conhecer. Eis aqui a novidade de Zubiri: é um único ato realizado por uma única faculdade: a inteligência sentente. Desde Aristóteles, em um certo sentido, o realismo filosófico sustenta a existência de um único mundo real. Para Zubiri, que é também realista, este único mundo real é conhecido em um único ato. Não se trata de um ato da sensibilidade e um outro ato da inteligência diante de um mesmo objeto. É um mesmo objeto conhecido em um mesmo e único ato: a intelecção sentente.

A intelecção sentente é um ato enquanto ato. Existe, sim, distinção entre o puro sentir, próprio do animal, e a inteligência. Porém, quando se trata de impressão de

⁹ LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**, 1988, p.58, faz um acréscimo considerável à afirmação de Aristóteles: *“Nihil est in intellectu, quod non fuerit in sensu, nisi ipse intellectus”*.

realidade, se faz presente uma rigorosa unidade numérica do ato apreensivo na formalidade de realidade. É uma unidade subjetiva.

Torna-se necessário superar o dualismo entre sentidos e inteligência, conforme Ellacuría (1982, p.114-115). Cada uma destas potências, se fosse faculdade, exigiria um ato por si completo. É também necessário, superando tal dualismo, fazer da apreensão de realidade um ato único de intelecção sentente. Isso não significa, evidentemente, reduzir a inteligência ao puro sentir, o que seria um absurdo ‘sensismo’. Não significa também fazer do sentir, como Leibniz, uma intelecção obscura e confusa (ELLACURIA,1982, p.114-115). Na sua essencial irreducibilidade, sensação e intelecção humanas exigem, conjuntamente, um só e idêntico ato pela sua intrínseca unidade estrutural. Não se trata de uma questão meramente dialética, mas de qualquer coisa de decisivo no problema do homem inteiro - não somente no aspecto intelectual - e em modo especial no problema de todos os seus conhecimentos, inclusive aqueles científicos e filosóficos.

Para Zubiri, o pensar, ainda que e também no sentido vulgar do termo, é realizar todo este processo que é a intelecção, isto é, apreensão sentente do real. Não é a vida que nos força a pensar, mas é a intelecção sentente que nos força a viver pensando.

Bibliografía

ARGOTE, Germán Marquínez. **En torno a Zubiri**. Madrid: Studium, 1965.

ELLACURÍA, Ignacio. **Siete ensayos de antropología filosófica**. Bogotá: Ed. Universidad de Santo Tomás, 1982.

ENTRALGO, Pedro Laín. **El cuerpo humano – Teoría actual**. Madrid: Espasa Calpe, 1987.

GUILLÉN, Diego Gracia. **Voluntad de Verdad**. Barcelona: Labor Universitaria, 1986.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ZUBIRI, Carmen Castro de. **Biografía de Xavier Zubiri**. Málaga: EDINFORD, 1992.

ZUBIRI, J.F. Xavier. **El Problema teológico del Hombre: Cristianismo**. Madrid: Alianza, 1997.

ZUBIRI, J.F. Xavier. **El problema dell'uomo**. Antropología filosófica. A cura di Armando Savignano, Palermo: Augustinus, 1985a.

ZUBIRI, J.F. Xavier. **Inteligência y Realidad**. Madrid: Alianza, 1991.

ZUBIRI, J.F. Xavier. **Sobre la Esencia**. Madrid: Alianza, 1985b.